

Mãos e memórias (auto)biográficas de um artesão: a escuta de uma arte-terapeuta

Hands and (auto)biographical memories of a craftsman: listening of an art therapist

Manos y memorias (auto)biográficas de un artesano: la escucha de un terapeuta del arte

Eliane Böhr¹
Maria Glória Dittrich²
Raquel Alvarenga Sena Venera³

¹ Professora de Artes do Serviço Social do Comércio de Santa Catarina (Sesc-SC).

² Professora do Programa de Pós-graduação em Gestão de Políticas Públicas da Universidade do Vale do Itajaí (Univali).

³ Professora do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille).

Resumo: Este artigo é parte dos resultados de uma pesquisa de dissertação que objetivou registrar histórias de vida de pacientes com esclerose múltipla, visibilizando-as como patrimônios culturais e analisando a relação entre as narrativas (auto)biográficas e as expressões artísticas. A empiria foi constituída dos discursos (auto)biográficos e mandalas, produzidas em situação de pesquisa, que registraram fragmentos dessas vidas em formas de cores. O artigo recorta a narrativa (auto)biográfica de um homem de 62 anos que vive os sintomas da esclerose múltipla há cerca de 18 anos. Estrangeiro e artesão, emprestou sua história para as reflexões sobre os sentidos de vida expressas em narrativas e no seu artesanato. A perspectiva hermenêutico-fenomenológica das pesquisas (auto)biográficas com base em Delory-Momberger (2016) foi a escolha de escuta dessa narrativa de vida, e a teoria do corpo criante, de Dittrich (2010), disparou reflexões acerca das condições de produção criativa do entrevistado. Desse lugar, algumas reflexões foram tecidas em diálogo com registros sobre a vida do artista Matisse em uma fusão entre o artesanal, a narrativa e as limitações motoras das mãos do artesão. Trata-se de um esforço reflexivo dos sentidos de uma vida com esclerose múltipla.

Palavras-chave: (auto)biografias; hermenêutica; fenomenologia; arte-terapia.

Abstract: This article is part of the results of a dissertation study that aimed to record life histories of multiple sclerosis patients, visibilizing them as cultural heritage and analyzing the relation between the (auto)biographical narratives and the artistic expressions. The empiric methodology consisted of the (auto)biographical discourses and mandalas, produced in a research situation, which recorded fragments of these lives in colored forms. This article recalls the (auto)biographical narrative of a 62-year-old man who has suffered the symptoms of multiple sclerosis for about 18 years. A foreigner, the craftsman lent his story to reflections on the meanings of life expressed in narratives and in his crafts. The phenomenological and hermeneutic perspective of (auto)biographical investigations, based on Delory-Momberger (2016), was the choice of listening to this narrative of life, and the theory of the creating body, by Dittrich (2010), triggered reflections on the interviewee's conditions of creative production. From this place, some reflections were woven in dialogue with records about the life of the artist Matisse in a merger between the artisan, the narrative and the motor limitations of the craftsman's hands. It is a reflective effort of the senses of a life with multiple sclerosis.

Keywords: (auto)biographies; hermeneutics; phenomenology; art therapy.

Resumen: Este artículo es parte de los resultados de una investigación de disertación que apuntó a registrar historias de vida de pacientes con esclerosis múltiple como patrimonio cultural y a analizar la relación entre las narrativas (auto)biográficas y las expresiones artísticas. La empiria consistió de los discursos biográficos y mándalas producidos en una situación de investigación que registró fragmentos de esas vidas en forma de colores. Este artículo recuerda la narración (auto)biográfica de un hombre de 62 años que ha vivido los síntomas de la esclerosis múltiple por cerca de 18 años. Extranjero y artesano, él prestó su historia a las reflexiones sobre los significados de la vida expresados en narraciones y en su arte. La perspectiva hermenéutico-fenomenológica de las investigaciones (auto)biográficas, basada en Delory-Momberger (2016), fue la elección de escuchar esa narrativa de vida, y la teoría del cuerpo creador, por Dittrich (2010), desencadenó reflexiones sobre las condiciones de producción creativa del entrevistado. De ese lugar, algunas reflexiones se tejen en diálogo con los registros sobre la vida del artista Matisse en una fusión entre el artesano, la narrativa y las limitaciones motoras de las manos del artesano. Es un esfuerzo reflexivo de los sentidos de una vida con esclerosis múltiple.

Palabras clave: (auto)biografías; hermenéutica; fenomenología; terapia del arte.

UMA INTRODUÇÃO DOS CAMINHOS PERCORRIDOS

Este artigo é um recorte das reflexões produzidas na pesquisa de dissertação interdisciplinar intitulada “A mandala como metodologia para tecer o sentido de vida nas (auto)biografias de pessoas com esclerose múltipla”, que se propôs de forma hermenêutico-fenomenológica a ouvir as compreensões acerca da vida, expressas nas narrativas de sujeitos diagnosticados com esclerose múltipla (EM). A posição pela escuta reflexiva foi nosso esforço durante a pesquisa, que tinha como intenção capturar os sentidos de vida nas (auto) biografias das pessoas com esclerose múltipla – compreensões e interpretações elaboradas por elas e narradas a nós. Como bem cita Anne Dizerbo (*apud* DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 143) ao falar das pesquisas narrativas, “os sujeitos trabalham para dar sentido às suas experiências; os pesquisadores trabalham para dar sentido ao trabalho que fazem os sujeitos ao darem sentido às suas experiências”.

Essas narrativas (auto)biográficas foram coletadas em sessões de entrevistas enquanto os entrevistados teciam mandalas com uma técnica têxtil, escolhendo cores e produzindo texturas. As reflexões realizadas relacionaram a narrativa e as tessituras dessas mandalas.

Ao nos referir ao aspecto hermenêutico-fenomenológico, concordamos com Merleau-Ponty (1999) e com Dittrich e Leopardi (2015), quando o primeiro diz que a “fenomenologia é o estudo das essências, é uma filosofia que compreende o homem e o mundo a partir de sua facticidade. Trata-se de descrever e não explicar nem analisar” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1), de compreender as narrativas (auto)biográficas por meio de sua contingência, relacionando-as aos fatos apresentados e não explicando-as ou analisando-as, de modo a lhes impor julgamentos de valor social ou moral. Quanto a Dittrich e Leopardi, concordamos com a definição de hermenêutica quando dizem que é

uma postura, uma maneira de entender e expressar a percepção sobre os acontecimentos que ocorreram entre os sujeitos envolvidos nas vivências, compartilhadamente, no amor e na solidariedade entre os saberes e as ações (DITTRICH; LEOPARDI, 2015, p. 98).

Quando juntamos as duas leituras acerca dos conceitos, acreditamos que nossa prática em pesquisa escutou e acolheu as narrativas (auto)biográficas, assim como os registros em mandalas, de forma hermenêutico-fenomenológica, como uma postura para perceber os fatos do outro a partir do outro, ouvi-lo a partir da contingência que ele mesmo nos apresentou.

Foram coletadas cinco narrativas (auto)biográficas, em áudio e vídeo, que hoje estão organizadas na Coleção Histórias de Vidas com Esclerose Múltipla, no acervo do Museu da Pessoa (SP)⁴. Durante a coleta dessas entrevistas foi proposta uma oficina terapêutica em que os sujeitos poderiam tecer mandalas têxteis, por meio da técnica do *Tsikuli*, uma tradição dos índios *Huichois*, do norte do México. Narrar a si mesmos, também por intermédio de mandalas, foi um caminho metodológico que apostou na rotina da tessitura e aos poucos poderia trazer caminhos para ver e expressar os sentidos de vida.

Trata-se de uma pesquisa que nasceu e se desenvolveu de modo interdisciplinar a partir dos desafios complexos com as diferentes realidades dos sujeitos com esclerose múltipla. Com base nelas se estabeleceram diálogos e problematizações entre os campos do conhecimento que foram acionados: a história oral de vida; o patrimônio cultural e sociedade; os lugares de formação dos pesquisadores (orientanda, orientadora e olhar externo de parceira de pesquisa) – as Artes, as abordagens terapêuticas como a Pedagogia Waldorf, a Antroposofia, a Arte-terapia e a História. Esses foram os fios metafóricamente usados em uma rede de conexões, apresentados aqui em um recorte dessa tessitura.

⁴ Ver www.museudapessoa.net.

Como um fragmento da citada pesquisa, este artigo traz reflexões com base em quatro sessões de entrevistas realizadas com o Sr. Michael Schaffner. Suas narrativas e a forma artesanal de seu processo criativo inspiraram uma aproximação com a teoria do corpo criante desenvolvida na tese de doutorado de Maria Glória Dittrich (2010). A filósofa apresenta subsídios valiosos num processo inter e transdisciplinar de construção do conhecimento na educação, na arte, na saúde e em outras perspectivas do conhecimento humano. Dittrich (2010) organiza a obra em dois movimentos interligados de espaço-tempo como processo de vivência e de construção de conhecimento. No capítulo “Vivências de sentido de vida”, Dittrich (2010, p. 25) explica como trata as representações fenomênicas em histórias de vida. Sua espiritualidade fundamentada no amor ao ser humano possibilitaram “vivências eco-espirituais” na criação da arte, como caminho de cura para o “Caso R” e a descoberta do sentido de vida. “R” foi um dos alunos de Dittrich no ateliê da arte-terapeuta em relações de criação no ensino da arte. “R” sofreu paralisia cerebral e aos 3 anos de idade ficou com deformações físicas e graves problemas psicomotores.

Durante um ano de escuta aos entrevistados com esclerose múltipla, ampliamos nossa sensibilidade e buscamos novos conhecimentos acerca daquela realidade. Envolvidos pela *performance* narrativa observada nas entrevistas com o Sr. Michael e, assim como na vivência de Dittrich com “R” (2010), vivenciamos os desafios da pesquisa: por um lado, as características motoras que o entrevistado apresentava, como dificuldade para segurar com as mãos os utensílios, e, por outro, os objetivos da pesquisa, que contavam com a produção de mandalas têxteis. Foi o aprofundamento em pesquisas sobre arte-terapia e narrativas (auto)biográficas na área da saúde que nos levou a ampliar o olhar mais perceptivo e sensível para a hermenêutica fenomenológica.

Na fenomenologia, assim como observam Espíndola e Dittrich (2015, p. 37), “esse olhar é perpassado pela dinâmica criativa de processos de percepção, que se estruturam entre a sensibilidade intuitiva, intencional e racional, na qual a objetividade e subjetividade são relacionadas às referências qualitativas”. Durante as entrevistas, pela metodologia das mandalas, deparamos com a complexidade das mãos e da narrativa do entrevistado, Sr. Michael Schaffner, e neste artigo investimos na reflexividade acerca do fenômeno das mãos relacionada a sua limitação incapacitante em realizar sua arte.

Diante de tal desafio, este artigo apresenta em um primeiro momento o entrevistado Sr. Michael Schaffner e como estabelecemos um diálogo com a arte-terapia e a teoria do corpo criante, mediante a demanda apresentada pelo entrevistado. Em um segundo momento desenvolvemos uma articulação com alguns registros da vida e criações de Henri Émile-Benoît Matisse como caminho reflexivo sobre a narrativa e criações artesanais de Michael Schaffner. Para terminar, apresentamos algumas reflexões preliminares sobre essa experiência de formação.

ENCONTROS COM MICHAEL

O Sr. Michael Schaffner tinha 62 anos de idade quando nos concedeu a entrevista. É artesão, natural de Mannheim, cidade com cerca de 310 mil habitantes, na Alemanha, no estado de Baden-Württemberg. Cresceu em Waldorf, município da Alemanha localizado no distrito de Ahrweiler, no estado da Renânia-Palatinado. Quando o Sr. Michael nasceu, a Segunda Guerra Mundial tinha acabado recentemente, e ele se lembrava da casa da família em construção. Em suas fotos ele aparecia em frente à casa de blocos aparentes, o que animava suas lembranças de uma cidade em reconstrução. Seu pai lutou em frente de guerra e sua mãe foi enfermeira. Quando perguntado sobre as possíveis memórias que teriam sido compartilhadas em casa, ele disse que esse assunto não era conversado na família. Ao contrário, os pais diziam que o passado era passado e para construir um futuro e viver um

presente havia apenas o presente. Em 1981 o Sr. Michael, com 27 anos, veio pela primeira vez ao Brasil para os festejos das bodas de ouro dos avós e conseqüentemente conhecer sua família brasileira. Foi quando conheceu sua prima, que se tornaria sua esposa. Após as comemorações, os dois viajaram para a Alemanha e em sete meses já estavam casados. Tiveram um filho, viveram na Alemanha por dez anos e então retornaram ao Brasil, onde vivem até hoje, em Joinville (SC). Por volta de 1998 ele começou a sofrer quedas sem motivo aparente, e sugeriram uma relação com o joelho, uma vez que ele havia quebrado o menisco. Foi a um primeiro médico ortopedista, que após exame clínico o encaminhou para sessões de fisioterapia, sem sucesso, por duas vezes. E então seu médico admitiu: as quedas não estavam relacionadas aos joelhos, e ele foi encaminhado a um neurologista. O diagnóstico foi hérnia de disco, e era necessária uma cirurgia na coluna. Tratava-se de um procedimento complexo que foi realizado em Curitiba. Foi a quarta cirurgia dessa natureza no país e, depois de voltar a andar, os sintomas retornaram; a avaliação médica foi não optar por um segundo procedimento, considerando a localização na cervical. Mais ou menos na mesma época ele recebeu o diagnóstico de esclerose múltipla.

Michael narrou os acontecimentos mais recentes em sua vida, e o tempo presente era o destaque da narrativa. Sobre as memórias da família, começou negando as lembranças de sua mãe e sobre a infância:

Acho que a vida de uma criança alemã é prática, seu dia a dia é criado para realizar deveres de casa, como limpar a casa, cuidar do jardim. O tempo das crianças na Alemanha, eu lembro, era ocupado por tarefas, mas também vivíamos muitos momentos gostosos (SCHAFFNER, 2015b).

Aos 6 anos de idade o Sr. Michael já jogava futebol em clube. Participou durante dez anos jogando no clube de sua cidade, Waldorf, primeiramente no time infantil, no qual disputava campeonatos estaduais e regionais, e depois no juvenil até os 22 anos de idade. Hoje, junto com o filho, ele é um torcedor do Joinville Esporte Clube (JEC).

O Sr. Michael lembrou-se de alguns saberes que aprendeu na escola, como desenhar retratos com giz carvão, e contou que os meninos desenhavam e as meninas aprendiam a cozinhar: “Assim era a escola antigamente lá na Alemanha, eu gostava das coisas manuais que aprendíamos”. Sobre as técnicas artísticas aprendidas na infância, ele enfatizou a diferença entre pintura e bordado: “No bordado você pode fazer detalhes, já na pintura não, pelo menos não na minha pintura. Eu não consigo fazer como gostaria”.

Formou-se como tecnólogo por exigência da empresa Siemens, onde trabalhou desde jovem como técnico de comunicações. Mostrou muito orgulho dos trabalhos que desenvolveu nessa empresa. Escolheu não fazer engenharia, mas ser técnico e guardar o dinheiro da universidade para comprar uma casa e viajar pelo mundo. No Brasil, continuou como funcionário da Siemens e, diante das mudanças no mundo do trabalho das telecomunicações, montou uma empresa prestadora de serviços. Mudou seu estatuto de trabalho, de assalariado para microempresário, e contou essa história com muito orgulho. Mesmo depois da cirurgia continuou prestando serviços a Siemens com sucesso, sempre em parceria com a esposa. Contou que ela foi sua companheira, ajudando-o a se locomover e cumprir com as atividades de trabalho, até quando ele julgou que não havia mais condições de exercer as tarefas laborais e se aposentou. Narrou esse momento com leveza, entendendo que viveu com intensidade e responsabilidade o que se propôs dentro da contingência que lhe foi dada. Ressaltou sua opção de viver o presente.

Atualmente o Sr. Michael é cadeirante e recebe cuidados de sua família: da esposa, do filho e da nora, que é enfermeira. Descobriu que está na cadeira de rodas não pela esclerose múltipla, mas pela cirurgia da medula. Afirma que muitas pessoas, quando descobrem doenças graves, pensam em se matar, e isso ele nunca pensou, apesar das emoções de

raiva de si mesmo que eram comuns no início do diagnóstico. Hoje diariamente exercita suas mãos, desenvolvendo tarefas domésticas. Pela manhã lava louça, ajuda no preparo do almoço, à tarde trabalha em seu ateliê com pintura em madeira e à noite realiza seus trabalhos de bordado em tela.

Em dezembro de 2015 a possibilidade de ouvir a narrativa de vida do Sr. Michael era instigadora. Uma história de vida paradoxal – uma pessoa comum e ao mesmo tempo muito singular: estrangeiro (alemão), cadeirante, casado, artista, artesão, pai e avó e com experiências de sentir a vida com esclerose múltipla. Observamos as mãos do Sr. Michael, sempre inchadas, endurecidas e frias; seus dedos, mantidos fechados, dificultavam o movimento e havia falta de sensibilidade. Percebemos o esforço que ele fazia para segurar o fio e a estrutura da mandala têxtil. Ele conseguia falar enquanto tecia, e nesses momentos percebemos sua irritabilidade ao discutir sobre a qualidade dos materiais para arte. Refletiu criticamente em relação à diferença dos materiais produzidos no Brasil em comparação com os da Alemanha:

No Brasil, tudo é muito caro. No caso dos suportes para pintura, já trabalhei com diferentes formas de madeira trazidas da Alemanha: corações, redondo, oval, diferente das lojas especializados no Brasil, que geralmente nos oferecem MDF (SCHAFFNER, 2015d).

Em sua realidade, buscou alternativas para continuar ativo com a esclerose múltipla, expressando-se por meio de suas mãos, criatividade que o mantém atuante diariamente em seu ateliê, pois transformou seus dias com a doença em criações cotidianas.

A intenção de utilizar a técnica têxtil do *Tsikuli* era possibilitar de forma metafórica um retorno consigo mesmo, e o objetivo implicou desencadear o processo de memorar seu primeiro setênio. Não foi uma sessão de arte-terapia, mas buscamos, na posição de entrevistador, organizar a entrevista com uma inspiração terapêutica, portanto produzimos um espaço apresentando os materiais para a tecelagem (fios coloridos, palitos de bambu), recursos utilizados para a representação das cores em mandala têxtil.

A escolha da técnica foi decisiva, pela identificação do entrevistador com a linguagem da tecelagem. Conforme Païn e Jarreau (2001, p. 16), “o estilo pessoal, à medida que denota as diferenças, favorece a identificação, constituindo, então, um processo que abrange tanto a descoberta das possibilidades de representação quanto a sua preparação”. O uso dos fios era algo que fazia parte da história do Sr. Michael, dos seus artesanatos desde a infância. Portanto, o entrevistador fez a escolha da técnica e dos materiais com base em suas longas experiências pessoais, mas foi especialmente uma escolha pela necessidade terapêutica do entrevistado. Assim, para Païn e Jarreau (2001, p. 17):

O conhecimento vivido nos diversos caminhos da representação não é um instrumento que o arte-terapeuta utiliza para ensinar ao sujeito como fazer, mas para compreender suas estratégias. Isso permite ajudá-lo a melhor formular suas intenções e, conseqüentemente, a tirar melhor proveito da experiência.

A criatividade foi tema incansável da arte-terapeuta Maria Glória Dittrich (2010, p. 140), a qual, na busca de construir um aporte teórico capaz de mostrar que a criatividade é intrínseca ao corpo criante, que tem um fundamento último, afirmou o “amor criante”. A autora apresenta na teoria do corpo criante a base da criatividade do corpo criante, que implica o amor vital na sua auto-organização. Fundamenta com ponto de vista da biologia de Humberto Maturana, que vê a essência da criatividade humana como parte intrínseca a sua estrutura e à organização do ser vivo. Portanto, entende-se como

[...] um todo vivo, criativo, que tem uma estrutura e organização capaz de se auto-organizar nas relações com o meio. Ele é complexo e dinâmico, por isso mantém as suas partes inter-relacionadas, gerando um todo com capacidade de se autocriar. O corpo, por ser criante, tem autonomia de se fazer constantemente, causando mudanças contínuas em si e fora de si, para a preservação da própria vida (DITTRICH, 2010, p. 140).

O Sr. Michael apresentou-nos um corpo criante fortemente marcado pela praticidade. Sua criatividade é também marcada pelo sentido objetivo que se impôs a sua vida. Ele diz viver a realidade, é prático, e declara: *“Minha vida é muito lógica, pra mim não tem que talvez seja assim; pra mim é lógica, dois mais dois são quatro. É a lógica, falando da vida também é isso”* (SCHAFFNER, 2015b). Ele procura seguir a vida em frente, o passado ele guarda em caixas de fotografias e em objetos que repassou para seu filho. São objetos intactos, preservados, alguns na garagem e outros no sótão de sua casa. Ele contou que, dos tempos em que viajou pelo mundo, ele guarda fotos, filmagens em rolo e em *slides*, suvenires e lembranças em caixas no sótão da casa. Porém o acesso a esse material não é permitido porque, segundo ele, passado é passado, e revisitá-lo não causaria nenhum efeito positivo para quem intenta objetivamente levar a vida para a frente. Talvez um aprendizado da infância, sobre como a família lidou com os passados. Talvez um traço de praticidade e objetividade que ele escolheu para a sua vida. Não saberemos ao certo dizer o que efetivamente dispara essas decisões práticas, no entanto o Sr. Michael mostra-se pelo domínio sobre sua vida. Ele planeja, calcula possibilidades, toma decisões e, ainda que aparentemente seja dependente da esposa em uma cadeira de rodas, mostra-se empoderado com as rédeas da sua vida, vivendo o hoje e para frente.

Precisávamos compreender as adaptações motoras necessárias para sua condição física. Quando propusemos a tecelagem e ele confeccionou uma mandala têxtil, pediu que não fotografássemos aquele artesanato e que jogássemos fora: *“Isso tá muito ruim, não quero mostrar, joga no lixo”* (SCHAFFNER, 2015b). O Sr. Michael, em outros momentos de entrevista, revelou-nos ter aprendido a trabalhar ainda criança com rigor e perfeccionismo cobrado, tudo precisava ser bem feito. Geralmente era supervisionado por um adulto e o trabalho era refeito se preciso. Entendemos sua compreensão sobre a beleza e os valores funcionais e humanos dos trabalhos manuais, e aceitar sua própria criação, “o artesanato”, ser exposto publicamente estando o trabalho inacabado por falta de suas habilidades manuais ativas era impossível.

Decidimos agendar um quarto encontro para oferecer ao Sr. Michael outras possibilidades de registrar novas mandalas. Foi então que ele se propôs a fazer uma mandala do seu jeito, com a técnica que estava acostumado a trabalhar com as cores: pintura em madeira. Ele nos ofereceu subsídios para pensar que as memórias narradas e os saberes das mãos de alguma forma se comunicam. O que se produz com as mãos também diz muito sobre o que se construiu como referência, disciplina em um contexto vivido. Foi nesse momento que o observamos trabalhar em seu ateliê, o assistimos escolher as cores e formas, falar sobre o processo criativo e as questões práticas que precisam responder ao artesanato. Tudo isso enquanto nos narrava sobre sentidos de sua vida, as netas, o seu fazer artístico e suas adaptações para a vida com as limitações físicas. Essa experiência de escutar e observar mais de perto a sua contingência fez com que nos aproximássemos das reflexões acerca do artista Henri Émile-Benoît Matisse. Essa reflexão é o que apresentaremos no próximo tópico.

A APROXIMAÇÃO DE MATISSE E MICHAEL

As reflexões acerca do corpo criante do Sr. Michael levaram-nos também a uma aproximação com as produções criativas de Henri Émile-Benoît Matisse. Pallasmaa (2013, p. 28), ao falar sobre o artista e suas mãos, diz que as mãos são órgãos comuns característicos do *Homo sapiens*, mas, ao mesmo tempo, são indivíduos únicos. Pallasmaa (2013, p. 28) revela:

Os movimentos cheios de vida das curvas dos recortes de papel colorido de Henri Émile-Benoît Matisse assumem significado especial após vermos uma fotografia do artista já idoso aquecendo as juntas doloridas de seus dedos nas penas de suas pombas de estimação.

Nascido em 1869 na cidade francesa de Le Cateau-Cambrésis, Matisse foi um pintor francês, assim como desenhista, artista gráfico, escultor; por volta de 1920 passou a ser considerado um dos renomados pintores vivos. O artista foi o mestre supremo das tendências artísticas que se caracterizaram pelo padrão caligráfico e pelo uso abstrato de cores puras. Foi um dos principais representantes do movimento artístico conhecido como fauvismo⁵ (CHILVERS, 1996, p. 336).

Conforme Gombrich (1999), em 1905 um grupo de jovens pintores que se tornaria conhecido como Les Fauves (“os animais selvagens” ou “selvagens”) expôs em Paris, e na verdade pouca selvageria havia em suas obras. O mais famoso do grupo, Henri Matisse (1869-1954), [...] “possuía um talento análogo para a simplificação decorativa. Estudara o esquema de cores de tapetes orientais e dos cenários norte-africanos, desenvolvendo um estilo que exerceu grande influência sobre o *design* moderno” (GOMBRICH, 1999, p. 573). Henri Matisse foi diagnosticado com câncer, hospitalizado em Lyon, onde após duas cirurgias para a extração de um câncer de duodeno, em 1941, os médicos deram a ele pouco tempo de vida. Matisse viu-se confinado ao leito ou a uma cadeira de rodas, sem poder viajar; utilizou experiências recolhidas em suas viagens para aperfeiçoar sua originalidade. Trabalhou até o fim de sua vida. Uma de suas obras mais importantes e originais foi criada entre 1949 e 1951 para as freiras do Convento Dominicano de Vence, que haviam cuidado dele durante sua doença. A obra foi iniciada por uma maquete, guache sobre papel cortado e colado, com projeto para a execução em vitral, que recebeu o nome de *Nuit de Noël*, e integra a arquitetura da Capela do Rosário de Vence, na França (1952). Henri Matisse projetou cada detalhe; os vitrais manifestam seu conhecido gosto pela cor.

Nos últimos anos de vida, preso à cama, desenvolveu um novo trabalho, extremamente original, cortando papéis coloridos (*gouaches découpées*) e arranjando as formas segundo padrões altamente abstratos. As cores que Matisse utilizou eram tão fortes que seu médico recomendou usar óculos escuros. São obras reconhecidas como as mais alegres já produzidas por um artista de sua idade. Sobre a técnica de recortes de Matisse, aparentemente simples, Szymusiak (2009) descreve o processo de criação de Henri Matisse para o livro intitulado *Jazz* (1947), no qual o artista solicita a seus ajudantes que recubram com guache grandes folhas de papel (Arches, Canson), sem restrições sobre a forma como a guache é aplicada – espessa ou suavemente. Matisse decidiu pelo guache com propósito de alcançar tons foscos e compactos.

⁵ O fauvismo é um estilo de pintura baseado no estudo das cores intensas e não naturalistas. Foi o primeiro dos grandes desenvolvimentos de vanguarda ocorridos na arte europeia entre a virada do século XX e a irrupção da Primeira Guerra Mundial.

[...] Em seguida, pegava uma das folhas preenchidas com a cor escolhida e recortava-a [...] para fazer surgir a forma sem nenhum desenho antecipado, diretamente, com as tesouradas. [...] sucessivamente, com os recortes e os restos de papel cortado, Matisse cria sobre uma folha branca, acrescenta pedacinhos de papel [...], sobrepõe as cores, coloca uma figura branca sobre um papel colorido que, por sua vez, está colocado sobre fundo branco, recorta um vazio que deixa o contraste do fundo aparecer (SZYMUSIAK, 2009, p. 152).

Em plena atividade criativa, o artista morreu em 3 de novembro de 1954 na cidade de Nice (sul da França).

A aproximação com a história de vida de Henri Matisse foi um arranjo reflexivo a partir da observação do corpo criante, dos movimentos das mãos do Sr. Michael. Ele nos apresentou seu lado artesão e, como tal, possui um amplo conhecimento em múltiplas técnicas artesanais, como a marcenaria, a pintura, o bordado, o desenho, entre outras, além de seu olhar estético, especialmente para os elementos visuais que compõem a técnica do bordado. Sofre com as limitações de seu corpo e, segundo ele, a dificuldade em usar as mãos é um dos sintomas da esclerose múltipla associado à enfermidade na coluna. Ele relata dores e dificuldades para segurar as coisas, falta de firmeza para colocar o fio na agulha, necessitando eventualmente da ajuda de sua cuidadora.

A habilidade das mãos é maior do que geralmente imaginamos. [...] As mãos alcançam e se estendem, recebem e dão boas vindas – e não apenas às coisas: as mãos estendem a si próprias e recebem suas próprias boas-vindas nas mãos dos outros. [...] Porém os gestos das mãos vão a todos os lugares por meio da linguagem, em sua mais perfeita pureza, exatamente quando o homem fala em silêncio. [...] todos os movimentos das mãos, em cada um de seus trabalhos, se expressam por meio do pensamento, todas as suas posições se mostram neste elemento. Todas as obras das mãos estão enraizadas no pensamento (HEIDEGGER, 1977, p. 357).

O Sr. Michael treinou suas mãos desde criança para tarefas especializadas e fez um pacto com o ofício de artesão, tornando-o seu destino para toda a vida. Seu ateliê apresenta uma simplicidade com traços perfeccionistas. Ele se apresenta metódico diante de seu ofício, demonstrando devoção e respeito por seu trabalho. Existem três motivos que o mantêm na pintura: a técnica, o passatempo e o resultado. Ele pegou o pincel sem tinta e nos mostrou os movimentos que faz para pintar. Fazer as coisas com suas próprias mãos significa muito; as cores em sua pintura, ele mesmo prepara. Com a ajuda da boca, firmou o pincel entre suas mãos e iniciou o processo da pintura da mandala com o azul, sua cor preferida.

O Sr. Michael expressa sua vontade de criar possibilidades para o uso da cor em seu trabalho, e suas experimentações parecem buscar a harmonia. Suas mãos rosadas e arredondadas pelo inchaço, em esforço, conduziram o pincel carregado inicialmente com a cor azul, que utilizou para marcar o centro da mandala. Enquanto realizava movimentos ele contava sua história, o que vinha na memória. Mexendo com as tintas coloridas, lembrou que, sobre as cores na pintura e também para a escolha das roupas, estava mais para o preto e branco, porém contou que não estava pintando para si, mas visualizava uma criança, um menino, e por isso escolheu a cor azul do tubo de tinta, que precisou abrir com o auxílio de sua boca. As mãos unidas trouxeram força ao movimento que ele queria realizar; conseguiu abrir a tampa, que ficou entre os dentes. Na sequência, limpou com perfeccionismo o pincel e escolheu um tom de amarelo. Com dificuldade abriu o pote de tinta. O Sr. Michael imaginou uma flor e assim foi realizando sua mandala, acrescentando

o verde para completar o miolo, e em seguida com o rosa foi contornando e preenchendo a forma de onze pétalas, de dentro para fora.

Enquanto pintava a cor rosa na mandala, o Sr. Michael contou que com a experiência da esclerose múltipla em sua vida ele e sua esposa precisaram fechar a empresa que tinham e associou esse período à velhice. Lembrou-se de conversas com sua esposa: “*Vamos ficar velhos, vamos ficar sem serviço, vamos ficar sem dinheiro, vamos ficar sem nada*” (SCHAFFNER, 2015d). Foi quando o filho, Patrick Schaffner, e sua nora, Cristiane Schaffner, anunciaram: “*Vamos ganhar um filho!*” Para o Sr. Michael e sua esposa a notícia da chegada da neta foi como uma bênção. “*É outra vida que estava chegando, mudou a minha vida. Eu mudei a minha vida quando casei, mudei a minha vida quando nos mudamos para o Brasil e agora mudei a vida para ganhar as netas*” (SCHAFFNER, 2015d). Assim terminou a pintura da mandala, ao mesmo tempo em que fechou a expressão do sentido de sua vida: a família. Do mesmo modo que Matisse, é no limite como condição do corpo que o Sr. Michael experimenta seu corpo criante, o trabalho com as cores e as adaptações para continuar criando.

ALGUMAS REFLEXÕES...

Retomamos aqui a incapacidade de Matisse para realizar sua pintura durante sua doença e aproximamos esse fato de uma reflexão sobre a superação dos limites de corpos fragilizados. Trata-se de dois homens em tempos e lugares opostos, porém percebemos semelhanças nos impulsos de “corpos criantes”. Dittrich (2010, p. 251) afirma o fundamento da transformação amorosa, que se integra, se liga ao que está rompido em um corpo criante, nas suas experiências de ambiguidades as mais diversas, as quais são marcadas por suas percepções e sentimentos e são significadas pela sua consciência essencial, que escreve uma história de vida. Assim, “a vida pessoal é sempre a vida de alguém único, criado e amado e fundamentado no amor criante” (DITTRICH, 2010, p. 251).

A experiência realizada com o Sr. Michael mostrou que a arte-terapia em seu uso com as cores, como expressão dos sentimentos, emoções e memórias da vida de um ser humano, é um caminho de transformação e criatividade nos seus sofrimentos e dores físico-psicoemocionais. Essa ideia nos anima na pesquisa, em que buscamos aprofundamento nas visões epistemológicas interdisciplinares. Deixamos nosso pressuposto para esse momento: a arte-terapia, como princípio metodológico em entrevistas com pessoas que contam suas histórias de vida, torna-se um caminho de transformação para um novo sentido de vida. Para o profissional que busca no método da arte-terapia um potencial para o trabalho com pessoas, cabe uma reflexão: será a escuta fenomenológica do arte-terapeuta um artefato sensorial sublime no alcance das memórias (auto)biográficas do processo terapêutico de seres humanos?

REFERÊNCIAS

CHILVERS, I. **Dicionário Oxford de Arte**. São Paulo: Martins, 1996.

DELORY-MOMBERGER, C. A pesquisa biográfica ou a construção partilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 133-147, jan.-abr. 2016.

DITTRICH, M. G. **Arte e criatividade, espiritualidade e cura: a teoria do corpo criante**. Blumenau: Nova Letra, 2010.

_____; LEOPARDI, M. T. Hermenêutica fenomenológica: um método de compreensão das vivências com pessoas. **Revista Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 11, n. 18, p. 97-117, 2015.

ESPÍNDOLA, K. S. da S.; DITTRICH, M. G. **Arteterapia no cuidado integral à saúde**. Itajaí: Univali, 2015.

FINCHER, F. S. **O autoconhecimento através das mandalas**. São Paulo: Pensamento, 1991.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999. v. 16.

HEIDEGGER, M. What calls for thinking. In: _____. **Basic writings**. Nova York: Harper & Row, 1977.

JUNG, C. G. **A prática da psicoterapia**: contribuições ao problema da psicoterapia e a psicologia da transferência. Petrópolis: Vozes, 1985.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PAÏN, S.; JARREAU, G. **Teoria e técnica da arte-terapia**: a compreensão do sujeito. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

PALLASMAA, J. **As mãos inteligentes** – a sabedoria existencial e corporalizada na Arquitetura. Porto Alegre: Bookman, 2013.

SCHAFFNER, M. **Michael Schaffner**: entrevista [25 nov. 2015]. Entrevistadoras: Raquel Alvarenga Sena Venera e Eliane Böhr. Joinville, 2015a. Entrevista concedida ao Projeto Memórias Múltiplas. Transcrição de Camila Hass.

_____. **Michael Schaffner**: entrevista [2 dez. 2015]. Entrevistadoras: Raquel Alvarenga Sena Venera e Eliane Böhr. Joinville, 2015b. Entrevista concedida ao Projeto Memórias Múltiplas. Transcrição de Camila Hass.

_____. **Michael Schaffner**: entrevista [3 dez. 2015]. Entrevistadoras: Raquel Alvarenga Sena Venera e Eliane Böhr. Joinville, 2015c. Entrevista concedida ao Projeto Memórias Múltiplas. Transcrição de Eloyse Davet.

_____. **Michael Schaffner**: entrevista [16 dez. 2015]. Entrevistadoras: Raquel Alvarenga Sena Venera e Eliane Böhr. Joinville, 2015d. Entrevista concedida ao Projeto Memórias Múltiplas. Transcrição de Eloyse Davet.

SILVEIRA, N. da. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 2006.

SZYMUSIAK, D. **A propósito do Jazz de Matisse**. São Paulo, 2009. 240 p. Catálogo Matisse Hoje-Aujourd’Hui, 5 de setembro de 2009. Pinacoteca do Estado de São Paulo.